





BOGUSLAWA  
&  
IZAR  
AS MULHERES QUE AMAMOS





© 2026 OCTÁVIO VIANA | SILENT PEN ®  
BOGUSLAWA & IZAR – AS MULHERES QUE AMAMOS

Publicado nos EUA e UE  
Primeira impressão 2023 (1.ª edição)  
Referência Interna SP2023.01 | 29.11.2023 | 21:53  
silentpenltd@gmail.com

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou outros métodos electrónicos ou mecânicos, sem a permissão prévia por escrito do editor, exceto no caso de breves citações incorporadas em análises críticas e alguns outros usos não comerciais permitidos pela lei.



*Para as mulheres que aguentam o mundo  
enquanto os homens fingem governá-lo  
e que, sem nunca o dizerem em voz alta,  
nos ensinam que navegar o perigo  
é, também, uma forma de amor.*



# Prólogo

Somos todos os livros que lemos e todas as mulheres que amamos e todas as personagens que inventamos para sobreviver às mulheres que não conseguimos esquecer e somos também, que talvez seja o mais verdadeiro, as mulheres que usamos para nos explicarmos a nós próprios quando a explicação mais verdadeira teria exigido menos livro e mais vergonha e durante anos escrevi mulheres como quem constrói casas sobre falésias, com boa vista e fundações duvidosas e uma confiança ridícula na resistência do terreno, dava-lhes outros nomes e outras cidades e outros maridos e outros vícios e outras luzes de fim de tarde, fingia que a ficção bastava para as absolver de mim, o que é uma fantasia que os escritores cultivam com uma persistência que os leitores tomam por técnica literária e que é na verdade, na mais pura verdade, apenas medo, porque a literatura protege mal os vivos e abusa dos mortos de uma forma que raramente admite e uma mulher que entra num livro perde a capacidade de se defender da versão que um homem fez dela. Isto parece uma frase nobre e é, na verdade, uma declaração de culpa com uma pontuação que nem aceitável é.

Este livro começa com duas mulheres, o que é já uma forma de confissão e talvez também de cobardia, porque nada serve melhor à vaidade masculina do que dividir o coração em compartimentos e chamar complexidade ao que muitas vezes é apenas falta de coragem e entre as duas estava eu, que é a posição onde os homens gostam de imaginar-se centrais quando talvez sejam apenas a zona de passagem entre duas formas de poder que os excedem, apresentava-me como consultor de empresas, doutorado em gestão, presidente de uma associação de defesa dos investidores, defensor de accionistas e obrigacionistas e pequenos aforradores e, com a mesma voz cívica e uma cara ligeiramente mais limpa do que a realidade merecia, interlocutor útil de alguns dos maiores *hedge funds* do mundo, mas o meu trabalho era medir reputações e atacá-las quando era preciso e protegê-las quando o ataque podia servir de vacina e construir

narrativas antes que outros as construíssem e colocar perguntas em jornalistas e dúvidas em reguladores e medo em conselhos de administração e esperança em investidores suficientemente desesperados para confundirem estratégia com redenção e não era um espião no sentido ridículo dos filmes, não tinha carros com metralhadoras nem relógios com lâminas nem mulheres a cair da varanda porque alguém no guião precisava de consequência, tinha advogados e fundos e investigadores privados e antigos operacionais e bases de dados e almoços e telemóveis descartáveis e documentos e conferências e rumores e pareceres e essa matéria-prima inesgotável da vida contemporânea que é a vaidade humana e se o leitor achar que esta enumeração é longa demais para um prólogo, concorda-se, mas a enumeração é o retrato e cortar a enumeração seria cortar o homem.

A Boguslawa trabalhava a mentira como instrumento. A Izar trabalhava a verdade como palco. Eu amei ambas, ou usei ambas, ou fui usado por ambas, ou escrevi ambas para me desculpar de não ter sabido escolher nenhuma das opções anteriores sem sujar as mãos e é possível, o leitor que julgue, que todas essas coisas sejam verdadeiras ao mesmo tempo e se sobreponham sem se anularem, porque o amor e o uso e a escrita raramente chegam sozinhos e raramente partem sozinhos e raramente nos deixam com a consciência suficientemente nítida para saber qual deles esteve mais tempo em casa.

A pergunta pobre é qual das duas foi a mulher mais perigosa, a pergunta verdadeira é outra: quando a beleza, a política, o sexo, a reputação e a mentira passam a ser instrumentos profissionais, ainda sobra algum lugar limpo para aquilo a que chamamos amor ou esse lugar é também ele uma narrativa que construímos para não admitir que há muito que trabalhámos tudo, incluindo isso, incluindo nós próprios, incluindo as palavras com que agora tentamos explicar o que não tem explicação que não seja também outra narrativa.

Comecemos, então, pelo primeiro erro: eu julgava que sabia ler mulheres que, afinal, também me estavam a escrever.

# 1

## *O Presidente dos Investidores*

Bruxelas, Bairro Europeu, a dez minutos a pé da Comissão

O crachá azul bateu-me no peito quando me inclinei para o microfone e foi esse toque pequeno do plástico contra o esterno, ridículo, frio, quase administrativo, que me lembrou que eu estava ali a representar pessoas que nunca tinham posto os pés naquela sala e que provavelmente nem sabiam que a sala existia, reformados, pequenos accionistas, gente que comprara obrigações subordinadas de um banco julgando comprar a tranquilidade dos últimos anos e que ao mesmo tempo, com a mesma boca e a mesma cara lavada de manhã num hotel a dez minutos da Comissão, eu estava ali a tornar-me útil a quem não precisava de mim para nada que se pudesse dizer em voz alta.

O moderador apresentou-me com os dois títulos, o de doutor em gestão e o de presidente da associação e, como sempre acontece nestas coisas, escolheu o segundo para repetir, presidente da associação de defesa dos investidores, porque a palavra defesa tem em Bruxelas a vantagem rara de soar a coisa boa antes de alguém perguntar do que é que se está exactamente a defender quem e contra quem e eu sorri com a modéstia treinada de quem já fez isto vezes de mais, agradei o convite, ajeitei os papéis que não ia ler e olhei para a primeira fila onde estavam três juristas, um antigo regulador que agora dava pareceres a quem antes fiscalizava e um assessor de um eurodeputado com a expressão de quem está a contar os minutos até ao café.

Falei bem. Digo isto sem vaidade, ou com a vaidade já tão gasta que se confunde com a verdade, porque falar bem daquilo é a parte fácil, qualquer pessoa com vergonha alheia suficiente e duas histórias verdadeiras na mão faz a sala calar-se. Conte a história verdadeira, que é o método mais eficaz da manipulação honesta, a senhora de setenta e três anos que assinou um papel que o gerente lhe estendeu por cima do balcão dizendo isto rende mais e é igualzinho a um depósito e que quando o banco caiu descobriu que igualzinho a um depósito significava, em linguagem técnica, exactamente o contrário de um depósito. Falei dos administradores que receberam bónus no ano em que esconderam o buraco, dos auditores que assinaram com uma mão e cobraram consultoria com a outra, dos reguladores

que chegaram, como sempre, no dia seguinte ao enterro, com a coroa de flores e o comunicado de circunstância.

A sala gostou disto. As salas gostam sempre disto, gostam de ouvir dar nome concreto ao abuso desde que o abuso esteja vagamente longe, num banco do sul, numa administração já demitida, num escândalo já julgado pelos jornais, porque a indignação confortável é o produto que melhor se vende numa cidade construída inteira sobre a ideia de que existe sempre alguém pior do que nós a fazer pior do que aquilo que nós fazemos. Quando acabei houve aquele aplauso de seminário, breve, educado, suficiente e o assessor do eurodeputado acordou da contagem dos minutos para bater palmas com um entusiasmo que durou precisamente o tempo de não ser notado a não bater.

Servi-me de água do jarro que estava na mesa e, distraído ou não tão distraído como gostaria de acreditar, pousei o copo em cima do relatório que tinha levado, o de capa branca com o logótipo da associação, três pessoas a abraçarem-se dentro de um círculo, ao redor do nome da associação, símbolo escolhido anos antes por uma agência que cobrou por aquilo o que eu cobro por uma semana de trabalho, e o copo deixou um anel de humidade que começou devagar a desfazer o azul, a borrá-lo, a transformar ao transformar aquele abraço colectivo numa mancha que já não abraçava coisa nenhuma. Fiquei a olhar para aquilo mais tempo do que devia. Há gestos que a gente faz sem pensar e que depois, à distância, parecem ter sido a única coisa certa e verdadeira de uma manhã de mentiras.

O telemóvel vibrou dentro do bolso do casaco, duas vezes seguidas, com aquele intervalo que eu já tinha aprendido a ler como dois remetentes diferentes em vez de uma só pessoa insistente. Não o tirei logo. Há uma elegância barata em não tirar o telemóvel à frente das pessoas e eu pratico essa elegância barata com a mesma diligência com que pratico as caras, porque na minha profissão a aparência de quem não tem pressa vale mais do que metade dos argumentos. Mas senti as duas vibrações no peito quase como tinha sentido o crachá e a verdade, já que estou a tentar ser verdadeiro pelo menos com o leitor, é que soube logo, antes de olhar, que eram elas, as duas, cada uma do seu lado, cada uma guardada num compartimento diferente de uma vida que eu organizava por cidades e por horas como quem organiza um armário por estações e organizar assim uma vida é o primeiro sintoma de que essa vida vai um dia deixar de caber no armário.

Sáímos para o corredor. Há corredores em Bruxelas que são mais importantes do que as salas e este era um deles, com a sua carpete cinzenta que abafa os passos, as suas garrafas de água sem gás alinhadas numa mesa

lateral como soldados de uma guerra que ninguém vai travar, os seus grupos de dois e de três a falarem baixo de coisas que dá jeito dizer baixo. Foi ali que finalmente olhei para o ecrã, de costas para o corredor, com o gesto de quem confirma uma hora de comboio.

A primeira mensagem era curta, seca, sem pontuação a mais, dessas que não cumprimentam nem se despedem porque já passaram a fase em que cumprimentar e despedir era preciso e dizia apenas que Varsóvia avançava na quinta e que eu deveria responder até à noite. Não tinha *emoji*, não tinha fotografia, não tinha pergunta sobre como eu estava e era precisamente essa secura que me agradava nela, a economia daquilo, a recusa do supérfluo, como se cada palavra a mais fosse uma porta deixada aberta sem necessidade. A segunda era de outra natureza inteira, mais comprida, com uma queixa bem-disposta lá no meio sobre uma reunião que se tinha arrastado e propunha que o jantar de quinta passasse para sexta porque na quinta ela já não aguentava ver mais ninguém daquele edifício e terminava com uma frase sobre o tempo que estava em Bruxelas, frase inútil, frase de quem queria continuar a falar e não tinha mais nada a dizer e que por isso mesmo me ficou a pesar mais do que a primeira.

Quinta. As duas tinham escolhido a quinta sem saberem uma da outra, como costuma acontecer com as coisas que a gente julga ter separado bem e eu fiquei ali no corredor a fazer aritmética íntima, Varsóvia para uma, jantar adiado para a outra e a perceber, sem prazer nenhum e com um desconforto que ainda não era culpa porque era cedo de mais para a culpa, que eu já tratava aquelas duas mulheres como duas operações em jurisdições diferentes, com fusos distintos e nomes guardados de maneira distinta no telemóvel e que essa competência, essa maldita competência que eu vendia tão cara aos outros, era exactamente a doença de que eu havia de adoecer mais tarde. Respondi à primeira com uma palavra. Respondi à segunda que sexta era melhor, o que era verdade pela pior das razões. Guardei o telemóvel.

Foi então que o homem de Londres se aproximou e digo o homem de Londres porque é assim que prefiro lembrá-lo, embora tivesse nome, cartão, morada de uma firma com três apelidos na fachada e nenhum dono visível e embora me tivesse estendido a mão com a firmeza calculada de quem aprendeu a apertar mãos num curso. Tinha aquela cor de pele dos que dormem pouco e voam muito e um fato cinzento de tecido bom que não queria que ninguém reparasse no tecido. Tinha estado na sala. Tinha gostado da senhora de setenta e três anos, disse e disse-o com uma sinceridade que me incomodou mais do que se tivesse sido cínico, porque o

cinismo a gente desarma, mas a sinceridade de um homem destes é uma ferramenta tão afiada como qualquer outra.

— “Tem cinco minutos?”, perguntou.

— “Para um café tenho.”

— “Não precisa de ser café.”

Mas foi café, porque eu não ia àquela hora a sítio nenhum mais privado com um homem de quem ainda não sabia se queria que me vissem ao lado e descemos os dois para um daqueles cafés do bairro onde os crachás azuis batem nas chávenas e onde toda a gente fala em voz suficientemente alta para parecer que não tem nada a esconder, o que em Bruxelas é a forma mais evidente de esconder. Sentámo-nos a uma mesa ao canto. Ele pediu um *espresso* e não o bebeu. Eu pedi um café com leite porque tinha vontade de café com leite e porque há muito que deixei de fingir gostos sóbrios para impressionar homens que não vou voltar a ver.

Antes de ele começar a falar a sério e percebi pelo modo como afastou a chávena que ia começar a falar a sério, fiz uma coisa que faço há anos e que nunca consegui deixar de fazer, levei a mão ao crachá que ainda me pendia do pescoço, o crachá com o meu nome e a palavra associação por baixo e virei-o ao contrário, de modo a ficar com o cartão branco para fora e a minha cara e o meu título virados para o peito. Disse a mim próprio, como sempre digo, que era para não dar nas vistas, que um café com crachá à mostra é um café que qualquer pessoa pode fotografar e legendar, mas a verdade é o leitor já vai percebendo a espécie de homem que está a ler, é que aquele gesto era um interruptor, uma maneira física de mudar de personagem, de pendurar o presidente dos investidores ao contrário do esterno e deixar entrar o outro, o que ninguém aplaudia em salas porque o outro nunca falava em salas.

— “Há uma empresa”, disse ele. “Cotada. Europeia. Não digo já qual.”

— “Não preciso de saber qual para ouvir.”

— “Tem problemas. Reais. Não inventados.”

— “Toda a gente tem problemas reais. A pergunta é quem ganha quando os problemas reais ficam famosos.”

Ele sorriu e foi um sorriso bom, de quem reconhece um colega numa língua que poucos falam.

— “Os accionistas minoritários ganham”, disse, “se a administração for obrigada a mudar.”

— “Os accionistas minoritários”, repeti, devagar, deixando a expressão flutuar entre nós como flutuava o anel de humidade no relatório lá em cima. “Diga-me uma coisa, sem se ofender. Quando diz minoritários, quantos por cento têm esses minoritários?”

Ele não respondeu logo, o que era uma resposta. Mexeu o café que não ia beber. Lá fora, uma rapariga de fato e ténis brancos passou a correr com uma pasta debaixo do braço, atrasada para uma reunião onde provavelmente também se falaria de transparência.

— “Suficientes para que a indignação deles não seja simpática”, disse por fim e gostei dele por ter escolhido aquela palavra, simpática, porque é uma palavra que diz tudo sem se comprometer com nada.

Aqui devo ser honesto sobre o que se passa nestes momentos, porque é a única coisa que justifica escrever um livro destes em vez de apenas viver e calar. Quando um homem como aquele me procura, o que ele quer não é que eu minta. Mentir é grosseiro, mentir deixa rasto, mentir um dia aparece num tribunal de Amesterdão ou numa comissão parlamentar com más fotografias e eu detesto más fotografias. O que ele quer é que eu, que tenho a senhora de setenta e três anos do meu lado, que tenho a associação, o crachá e os jornalistas que me atendem o telefone, dê à verdade dele um andamento que a verdade dele sozinha não teria, que eu pegue numa empresa que de facto esconde um buraco e ajude a que esse buraco seja descoberto na semana exacta em que descobri-lo serve um fundo que ele não pode revelar e que tudo isso aconteça com uma cara tão limpa, tão cívica, tão indignada com os bónus dos administradores, que ninguém, nem o regulador, nem o juiz, nem eu próprio à noite, consiga dizer onde é que a defesa do pequeno investidor acabou e onde é que começou o serviço prestado ao grande.

Não disse que sim. Nunca se diz que sim nestas mesas, dizer que sim é de amadores e quem diz que sim depressa de mais ou está a vender-se barato ou está a usar uma escuta. Fiz perguntas, que é a forma adulta de não dizer que não.

— “Há documento?”

— “Há um relatório.”

— “Publicado?”

— “Ainda não.”

— “Quem o escreveu?”

— “Pessoas competentes que não querem assinar.”

— “Então é metade de um relatório”, disse eu. “Um relatório que ninguém assina é uma carta anónima com gráficos. E eu não trabalho com cartas anónimas. Trabalho com coisas que aguentem a carta de um advogado de difamação ou ofensa a pessoa colectiva na manhã seguinte, porque a carta vem sempre e vem sempre para mim, não vem para o senhor, que está em Londres.”

Ele ouviu aquilo com a paciência de quem já tinha previsto a objeção e tinha a resposta dobrada no bolso interior.

— “Os números são auditáveis”, disse. “O que falta não são os números. É o momento.”

E aí estava, finalmente, a única palavra que interessa nestas conversas e que demora sempre vinte minutos a chegar, o momento, o *timing*, a janela, porque a verdade financeira não é como a verdade dos filósofos, não vale por ser verdade, vale por chegar no dia certo e o dia certo é aquele em que a verdade faz mais estrago e o estrago aproveita a mais gente que estava à espera de o aproveitar. Perguntei-lhe quem era o jornalista. Ele não disse o nome, disse que havia interesse de um jornalista, o que é o mesmo que dizer que já tinham falado e que já estava combinado quem fazia que pergunta a quem, faltando apenas que alguém respeitável, alguém com crachá, alguém com uma senhora de setenta e três anos na biografia, desse à pergunta o ar de ter nascido de uma preocupação cívica e não de uma posição vendida. Perguntei pelos administradores. Ele tirou então uma folha dobrada e foi a única coisa de papel que apareceu em toda a conversa, uma folha simples com cinco nomes e ao lado de cada nome uma anotação tão breve que eu só precisei de a ler uma vez para perceber que aquilo não era uma lista de culpados, era uma lista de fragilidades, este tem um divórcio a correr, este tem uma casa hipotecada acima do que diz ganhar, este viajou em Janeiro para um sítio onde não devia ter estado e que alguém, um antigo operacional dessas vidas que vivem de saber o que os outros voaram e onde dormiram, tinha confirmado a viagem de Janeiro.

Não toquei na folha. Olhei para ela, decorei o que precisava de decorar, que é uma forma de tocar sem deixar impressões digitais e empurrei-a de volta com dois dedos, devagar, para o lado dele.

— “Guarde isso”, disse.

— “Não lhe interessa?”

— “Interessa-me ao ponto de não querer que esteja em cima da minha mesa.”

Ele percebeu, dobrou a folha, voltou a guardá-la e teve a delicadeza de não insistir, porque os homens daquela qualidade sabem que insistir é assustar e que assustar é perder e ficámos mais um minuto a falar de coisas que não eram nada, do tempo, dos voos, de um restaurante onde nenhum dos dois ia jantar e quando ele se levantou para pagar eu deixei que pagasse, porque recusar seria fingir uma pureza que eu já não tinha o direito de fingir e porque um café pago por um homem de Londres é a coisa mais barata que um homem de Londres alguma vez me pagou.

Há nesta história uma coisa que me custa escrever e que escrevo porque sem ela tudo o resto seria publicidade da minha própria pessoa, e é esta: eu acreditava na senhora de setenta e três anos. Acreditava mesmo. Tinha-a recebido no escritório, anos antes, no tempo em que ainda era casado e ainda jantava aos domingos numa casa do Porto com talheres que tinham mais anos do que a minha família inteira e tinha-a ouvido contar a história do gerente e do papel por cima do balcão e tinha sentido por ela uma raiva limpa, daquelas que já não sentia por mais nada e foi essa raiva limpa, essa única raiva limpa, que eu aprendi depois a alugar a quem ma pagasse, porque é essa a perversão exacta da minha profissão, não inventar a indignação, que isso seria fácil de desmascarar, mas pegar na indignação genuína, na verdadeira, na que dói e pô-la a trabalhar para o lado que paga, de modo que no fim ninguém, nem eu, consegue separar o homem que defende os fracos do homem que arma os fortes e talvez não haja dois homens, talvez seja só um e talvez seja precisamente esse o problema de que este livro não vai conseguir curar-me.

Saí do café e voltei a virar o crachá para a frente, gesto inverso do outro, e enquanto subia a rua de volta na direcção da sala onde já não tinha nada a fazer, pus-me a pensar, com aquela frieza profissional que substitui em mim o que noutras pessoas é consciência, no que faria com a empresa cotada que ainda não sabia qual era. Pensei que primeiro queria ver os números sozinho, sem o homem de Londres ao lado a dizer-me onde olhar. Pensei que queria saber se a empresa estava mesmo doente ou se estava apenas a ser declarada doente por quem tinha interesse no funeral, porque às vezes, raramente, mas às vezes, a empresa está mesmo a apodrecer e a gente faz bem em chegar com os jornais e a tragédia, a verdadeira, é que de fora nunca se distingue o médico do cozeiro, ambos chegam de preto, ambos chegam sérios e ambos chegam quando o doente já não tem força para perguntar quem são.

A tarde passou em mais reuniões que não interessam a ninguém, uma com o assessor do eurodeputado que afinal não estava só a contar minutos, estava também a medir se eu lhe servia para alguma coisa e outra com um dos juristas da primeira fila, que me quis vender uma queixa regulatória já redigida, uma minuta limpa, bem feita, à espera apenas de um queixoso respeitável que lhe desse rosto e eu disse-lhe que ia ler, que é o que se diz a quem nos traz minutas que afinal são armadilhas embrulhadas em papel de escritório de advogados. À noite, quando finalmente saí do edifício, Bruxelas tinha aquele frio que não é dramático, não é o frio do norte que mata, é um frio húmido, de cidade que fecha às seis e meia e fica a pertencer aos limpadores e aos restaurantes e eu levantei a gola do casaco e desci

a pé na direcção do hotel, porque andar a pé em Bruxelas à noite era a única coisa gratuita e verdadeira que a cidade ainda me dava. É por isso que adoro andar a pé.

Passei pela praça onde os jovens dos gabinetes bebem cerveja em pé encostados às fachadas, falando quatro línguas e nenhuma e pensei, sem querer pensar nas duas mensagens da manhã, na quinta que ambas tinham escolhido sem se conhecerem e na facilidade quase obscena com que eu tinha resolvido o conflito mandando uma para Varsóvia e adiando a outra para sexta, como se mulheres fossem reuniões e o coração tivesse uma agenda partilhada que eu administrava com a mesma mão que virava crachás. Não senti culpa ainda, repito, porque seria mentira dizer que senti, senti antes uma espécie de satisfação, a satisfação do homem que mantém os compartimentos estanques e é por essa satisfação, por ter sentido satisfação onde devia ter sentido alarme, que mais tarde paguei tudo o que paguei e tinha de pagar.

O telemóvel vibrou outra vez, uma só vez agora, e parei debaixo de um candeeiro para ler, com o vapor da minha própria respiração a embaciarme um pouco o ecrã. Era ela, a das mensagens secas, a de Varsóvia. Tinha escrito três frases e ponto final em cada uma, com a disciplina de quem foi educada num sítio onde as frases compridas eram suspeitas. Dizia que Varsóvia confirmava. Dizia para eu não usar o meu nome habitual na reserva e dizia, na terceira, que me explicava quando chegasse.

Sorri. Confesso que sorri, ali parado, no frio, com o casaco fechado até cima e o meu sorriso foi o sorriso idiota do homem que recebe uma instrução conspiradora e a confunde com intimidade, que toma a cumplicidade operacional por carinho, que lê na recomendação de esconder o nome um convite para um jogo a dois e não o que aquilo era de facto, que era um aviso, o primeiro de muitos, dado por uma mulher que sabia há mais tempo do que eu que os nomes habituais são a primeira coisa que se usa contra um homem e que se ela me pedia para esconder o meu, talvez fosse porque o dela já andava escondido havia muito e bem escondido e por razões que eu, com toda a minha competência alugada, com toda a minha aritmética de cidades e horas, ainda estava longe, muito longe, de sequer começar a imaginar.

## 2

### *A Polaca de Milão*

Varsóvia, do Aeroporto Chopin ao Polonia Palace

O homem que me veio buscar ao Chopin segurava um cartão com um nome que não era o meu e segurava-o à altura do peito com as duas mãos, como quem segura uma coisa que não acredita ser verdadeira e demorei um segundo a perceber que aquele nome impresso em maiúsculas pretas, simples, redondo, sem apelido conhecido, era o nome que me tinham mandado usar e que portanto era eu, ou pelo menos era a versão de mim que tinha aterrado em Varsóvia numa quinta-feira de fim de Inverno para fazer uma coisa que não tinha nome cívico nenhum.

— “É o senhor”, disse ele, não como pergunta, mas para que eu confirmasse e eu confirmei com a cabeça e ele baixou o cartão e dobrou-o ao meio e meteu-o no bolso e foi a primeira coisa que reparei nele, que dobrou o cartão e o guardou em vez de o deitar fora num caixote do aeroporto, como se até um pedaço de papel com um nome falso fosse coisa que não se abandona em terreno aberto.

Chamava-se Marek, ou era esse o nome que me dava e tinha aquela compleição dos homens do Leste que foram qualquer coisa antes de serem motoristas, ombros largos a ficarem pesados, mãos grandes, um casaco de cabedal escuro lavado pelo uso e conduzia o carro alemão com uma calma que não era de motorista, era de quem aprendeu a conduzir a observar pelo espelho mais do que pela estrada. Saímos do aeroporto para uma auto-estrada larga e a cidade chegou primeiro pelos painéis publicitários, enormes, agressivos, bancos, telemóveis, um centro comercial e depois pelos prédios de vidro que cresciam uns ao lado dos outros sem combinarem entre si, como se cada torre tivesse sido construída por um país diferente que tivesse passado por ali e deixado uma.

— “Primeira vez em Varsóvia?”, perguntou.

— “Não. Terceira.”

— “Então já viu que é tudo novo.”

— “Já vi.”

— “É novo porque foi tudo abaixo”, disse ele e disse-o sem dramatismo nenhum, com o tom de quem informa sobre o trânsito. “Os senhores no

Ocidente acham que isto é progresso. Não é progresso. É reconstrução. É diferente.”

Não respondi, porque há frases que não exigem resposta resposta, exigem apenas que a gente as deixe ficar no carro mais um quilómetro, e ele deixou-as ficar e eu fui olhando pela janela aquela diferença que ele dizia, a diferença entre uma cidade que cresce porque tem dinheiro a mais e uma cidade que cresce porque teve morte a mais e, ao fundo, acima de tudo, sempre acima de tudo, aparecia já o Palácio da Cultura e da Ciência, aquela coisa imensa, escura, estalinista, que Estaline tinha mandado erguer no meio da cidade como quem espeta uma bandeira no peito de um homem deitado e que os varsovianos, soube-o depois, tinham aprendido a odiar e a usar ao mesmo tempo, porque é de cima dele que se vê melhor a cidade e há quem diga que é por isso, porque é o único sítio de Varsóvia de onde não se vê o Palácio.

Foi a meio do percurso, quando parámos num semáforo ao pé de uma igreja de tijolo escuro com uma fila de gente à porta apesar de não ser domingo, que ele começou a falar do assunto que me tinha trazido e começou baixando a voz, o que era ridículo porque estávamos os dois sozinhos dentro de um carro com os vidros fechados, mas que eu percebi não ser ridículo de todo, ser antes um reflexo, um hábito de corpo, a maneira de quem cresceu num país onde os carros também ouviam.

— “O juiz”, disse, “é um homem cuidadoso.”

— “Cuidadoso é bom ou é mau?”

— “Depende de quem paga o cuidado.”

E aí estava, em seis palavras de um motorista que talvez tivesse sido outra coisa, o resumo de tudo aquilo que três advogados em Bruxelas me tinham demorado uma reunião inteira a embrulhar, porque a questão de Varsóvia, despida da gravata, era uma questão de cuidado, de saber para que lado é que um juiz cuidadoso ia inclinar o cuidado quando tivesse de decidir sobre uns contratos financeiros que um banco do país tinha vendido a meio mundo, contratos contaminados, contratos com cláusulas em moeda estrangeira que tinham arruinado dezenas de milhares de famílias polacas quando a moeda virou, gente que comprara uma casa e ficara a dever mais do que a casa valia e que agora esperava de um tribunal a frase que lhes dissesse se a dívida era legítima ou se era um furto legalizado por um notário.

Do lado dessas famílias estava a justiça, a justiça quase toda, a justiça da União Europeia inclusive, que já se tinha pronunciado em termos que davam razão aos lesados. Do outro lado estava o banco e atrás do banco estavam os accionistas do banco e atrás dos accionistas estava um fundo e

atrás do fundo estava, como sempre, alguém que me tinha pago o voo e a minha tarefa, a real, aquela que eu não escrevia em lado nenhum, não era comprar o juiz, que comprar juízes é grosseiro e perigoso e deixa o tipo de rasto que acaba em comissões de inquérito, a minha tarefa era saber. Saber se o juiz já tinha sido falado pelo outro lado. Saber por que canal. Saber o que é que, sabido a tempo, tornava inútil a tentativa do outro lado de falar com ele. Porque há uma coisa que aprendi nestes anos todos e que continua a parecer-me a mais suja de todas, mais suja do que o dinheiro e é que a informação sobre uma fraqueza alheia não precisa de ser usada para ter valor, basta existir, basta o outro lado saber que eu sei e às vezes a decisão mais limpa de um tribunal nasce apenas do facto de toda a gente à volta saber que toda a gente está a olhar.

— “E há informação?”, perguntei e usei a palavra inteira, informação, porque com o Marek não fazia sentido andar com rodeios de Bruxelas.

Ele não respondeu logo. Arrancou no verde, ultrapassou um eléctrico amarelo e só passada uma esquina é que disse, ainda mais baixo, quase sem mexer os lábios:

— “Há sempre informação. A questão é se a quer.”

Aquilo ficou no carro até ao hotel e o hotel, o Polonia Palace, apareceu de repente na Aleje Jerozolimskie como aparecem em Varsóvia as poucas coisas antigas que sobreviveram, com um certo embaraço de estar viva no meio do vidro, fachada de princípios do século passado, sólida, sobrevivente, um daqueles edifícios que atravessaram a guerra e a ocupação e o comunismo e a chegada das marcas e que por isso têm nas pedras uma dignidade que os hotéis novos nunca conseguem comprar por mais lustres que pendurem. O Marek deixou-me à porta, não entrou, deu-me um cartão com um número e disse que eu ligasse quando quisesse falar a sério e percebi que tudo o que tínhamos dito no carro, para ele, ainda não tinha sido falar a sério, tinha sido apenas o motorista a medir o passageiro.

Fiz o *check-in* com o nome que não era o meu e há uma sensação muito particular em dizer à recepcionista um nome que não nos pertence e vê-la procurá-lo no ecrã e encontrá-lo e sorrir e entregar-nos a chave de um quarto reservado por esse fantasma, uma sensação de leveza e de vertigem ao mesmo tempo, como se por umas horas a gente deixasse de carregar o peso da própria biografia e confesso que gostei disso, que sempre gostei disso e que talvez seja precisamente esse gosto pequeno e infantil de ser outro a coisa que me devia ter avisado, anos antes, do tipo de homem que eu estava a tornar-me. A rapariga da recepção disse, no inglês cuidado deles, que tinha uma mensagem para mim. Disse que uma senhora tinha telefonado a confirmar que chegaria ao fim da tarde. Não deixou nome.

Eu não perguntei, porque já sabia e porque perguntar teria sido entregar à rapariga uma informação que ela não precisava de ter, que era a de que eu não sabia ao certo qual das minhas senhoras era.

Subi, desfiz a mala, que é uma maneira de dizer que tirei o computador e o carregador e deixei o resto fechado e fiquei à janela a olhar a avenida e o eléctrico e, ao longe, sempre, o Palácio, e pensei que estava ali para uma coisa que, dita em português à minha mãe, soaria a crime e, dita em inglês a um fundo, soava a serviço e que a distância entre as duas frases era exactamente a distância que eu tinha percorrido na vida sem nunca a ter sentido como uma queda, porque as quedas, quando são suaves e bem pagas, a gente chama-lhes carreira.

A Boguslawa chegou ao fim da tarde, como tinha avisado e eu estava no átrio à espera dela, sentado de propósito de frente para a porta giratória, e digo de propósito porque já tinha aprendido com ela, em Milão, meses antes, que não gostava de me ver sentado de costas para as entradas e que se eu me sentasse mal trocava de cadeira sem dizer nada, com um sorriso, mas trocava e eu tinha começado a poupar-lhe o trabalho. Vi-a entrar pela porta giratória e a primeira coisa que ela fez não foi olhar para mim. Isto deve ficar dito porque é a coisa mais importante que ela fez naquele dia inteiro. Não olhou para mim. Olhou, num varrimento rápido, quase imperceptível para quem não estivesse a treinar-se a reparar nela, para a recepção à direita, para dois homens de fato escuro sentados num sofá baixo a falarem sem se olharem, para uma câmara no canto do tecto e, por fim, mediu e isto sei que ela mediu porque os olhos pararam ali meio segundo, a distância entre a porta e os elevadores. Só depois de ter feito esse mapa todo, esse mapa que lhe levou menos tempo do que a mim levaria pousar um copo, é que me viu e sorriu e veio.

Tinha vindo de Milão num voo da tarde, trazia ainda a roupa de quem viajou bem, um casaco cor de camelo que pousou nos ombros sem o vestir e sentou-se ao meu lado num sofá azul, daquele azul fundo de hotel que quer parecer veludo e fê-lo com um gesto que nunca mais me saiu da memória, sentou-se a direito, com a mala pequena encostada aos pés como quem não a quer perder de vista, uma mão no telemóvel pousado na coxa, virado para baixo e a outra aberta sobre o braço do sofá e nesse instante ela estava ao mesmo tempo numa sala de hotel e noutra sítio qualquer que eu não conhecia, numa sala onde se espera por uma porta que se vai abrir e por uma pessoa que não se sabe se vem para nos cumprimentar ou para nos levar.

Beijou-me na cara, as duas, à italiana, mas cheirava ao avião e a uma coisa fria por baixo do perfume e quando se afastou para falar eu reparei

pela primeira vez, com aquela luz amarela do átrio, que tinha olhos claros, não sei dizer mais do que isto, claros, de uma claridade fria que em nada me ajudava a lê-la e reparei sobretudo que esses olhos não pararam quietos enquanto falávamos, continuaram a trabalhar a sala mesmo quando ela ria, mesmo quando dizia coisas leves e há nisto uma coisa que custa explicar a quem nunca esteve perto de uma pessoa assim, que é a sensação de estar a ser ouvido completamente por alguém que ao mesmo tempo está a ouvir tudo o resto e essa sensação ou afasta um homem para sempre ou prende-o de uma maneira que não se cura e a mim, já se vê, prendeu.

— “Estás cansado”, disse ela.

— “Cheguei hoje de manhã.”

— “Bruxelas?”

— “Bruxelas.”

— “E correu bem?”

— “Correu como corre Bruxelas.”

Ela sorriu, daquela maneira dela de sorrir só com metade da boca quando uma resposta lhe agradava por não dizer nada e nesse momento o meu telemóvel, que eu tinha pousado na mesinha baixa entre os dois, ao lado de dois copos de água que um empregado tinha trazido sem nós pedirmos, acendeu-se e vibrou e no ecrã apareceu um nome a meio, cortado pela própria notificação, um nome de mulher de que se via o começo e se adivinhava o resto e eu fiz o gesto, o gesto idiota e tardio que todos os homens fazem e que denuncia mais do que esconde, estiquei a mão e virei o telemóvel para baixo na mesa.

A Boguslawa viu. Não há dúvida de que viu, porque ela via tudo e o que fez a seguir foi não fazer nada, que era a coisa mais terrível que podia fazer, continuou a falar do voo, do nevoeiro em Malpensa, de uma colega que perdera a ligação e não perguntou quem era e eu fiquei ali com o coração a bater como o de um rapaz apanhado e a perceber, devagar, que aquele silêncio dela valia mais do que qualquer interrogatório, porque um interrogatório eu saberia conduzir, eu vivia de conduzir interrogatórios disfarçados de conversa, mas contra aquele silêncio não tinha treino nenhum e o silêncio dizia, sem dizer, que ela sabia que havia uma mulher cujo nome começava por aquelas letras e que ia arquivar isso e que não me ia dar o desconforto de me perguntar nem o conforto de me deixar mentir.

Jantámos por ali perto, num restaurante que ela escolheu e para o qual fomos a pé porque disse que precisava de andar depois do avião e a noite de Varsóvia estava fria de uma maneira seca, sem aquela humidade de Bruxelas que entra pelos ossos e, enquanto caminhávamos pela avenida,

ela ia de novo a ler a rua, o homem parado à esquina, o carro que abrandou e a dada altura mudámos de passeio sem motivo aparente, ou sem motivo que eu percebesse e quando lhe perguntei, meio a brincar, se andávamos a ser seguidos, respondeu, sem brincar nada:

— “Não. Mas custa o mesmo verificar.”

Mais tarde, à mesa, com uma garrafa de um vinho que eu não conhecia e que ela pediu como se conhecesse todos, falámos finalmente do juiz e foi ela quem trouxe o assunto, com uma naturalidade que me deixou sem saber se estava ali por causa do juiz ou se o juiz era apenas mais uma coisa que ela sabia por saber tudo e disse-me, baixando a voz como o Marek tinha baixado, que eu devia ter cuidado com a forma como aquilo se fazia em Varsóvia, porque não era como em Bruxelas, onde a corrupção chega em convites e em jantares e nunca ninguém vai preso, ali a coisa tinha outra história, outra pele e que um homem que viesse de fora a achar que ia comprar tranquilidade com a moeda do Ocidente podia acabar a comprar problemas com a moeda do país.

— “Eu não vim comprar nada”, disse eu.

— “Eu sei o que vieste fazer.”

— “Vieste por isso?”

Ela pousou o garfo e olhou para mim com aqueles olhos verdes que não descansavam e por um segundo descansaram, foi a única vez em toda a noite que os vi parar e foi a olhar para mim e disse:

— “Vim porque me apeteceu ver-te. Acreditas?”

— “Quero acreditar.”

— “Isso é diferente.”

E era diferente, claro que era diferente e ela sabia que era diferente e deixou a diferença em cima da mesa entre nós como tinha deixado o silêncio sobre o nome cortado no telemóvel e foi nesse jantar, com a história do juiz e dos contratos contaminados a flutuar por baixo de tudo, que me contou, de passagem, sem peso nenhum, a única coisa que me contou nessa noite sobre o sítio de onde vinha e contou-a a propósito de uma mulher na mesa ao lado que tinha entrado e escolhido sentar-se de frente para a porta antes de o marido a aconselhar e a Boguslawa olhou para aquela mulher com qualquer coisa que não era simpatia e não era desprezo, era reconhecimento e disse:

— “O meu pai dizia que neste país uma porta aberta raramente está aberta por acaso.”

Não acrescentou nada. Não disse quem era o pai, nem o que fazia, nem por que razão um pai ensina uma filha a desconfiar de portas e eu, que tinha passado a vida a tirar informação a homens que não a queriam dar,

percebi que com ela qualquer pergunta seria um erro, que aquela frase tinha sido um presente medido ao milímetro, exactamente o que ela quisera dar e nem uma sílaba a mais e que se eu perguntasse mais ela fecharia tudo e que o melhor que eu podia fazer era guardar a frase como ela guardava os cartões com nomes falsos, dobrada, no bolso de dentro, para um dia que talvez não chegasse.

Voltámos ao hotel já tarde. No átrio, antes de subirmos, aconteceu a única coisa do dia que eu não soube digerir e que ainda hoje não sei se digeri. Estava de pé junto à recepção um homem, polaco, de meia-idade, casaco bom e a Boguslawa, que ia comigo na direcção dos elevadores, parou ao reconhecê-lo e foi até ele e falaram em polaco, depressa, baixo e eu fiquei a uns metros sem perceber uma palavra, a olhar para uma língua que me excluía por inteiro e a dada altura ela pousou-lhe a mão no antebraço e deixou-a ali e não sei dizer se foi para o acalmar, porque o homem parecia tenso, ou para o conter, porque ela parecia firme, ou se não foi nada, se foi apenas uma mão numa conversa, dessas que os do sul também damos, mas eu não sou do sul ao ponto de não ter sentido o que senti e o que senti foi uma coisa pequena e suja e absurda, uma picada de ciúme, absurda porque eu não tinha direito nenhum àquela mulher, ela própria me dissera meses antes, em Milão, que não me devia fidelidade e que não me pedia e absurda sobretudo porque eu tinha à minha espera, em Bruxelas, uma mulher cujo nome aparecera cortado no meu ecrã ao jantar e, portanto, era eu, eu e não ela, quem ali não tinha autoridade moral para sentir o que quer que fosse e mesmo assim senti e a vergonha de sentir não apagou o sentir, apenas lhe acrescentou a vergonha.

Ela voltou. Não explicou. Não disse o nome do homem, nem o assunto e eu, que tinha acabado de lhe esconder um nome de mulher, não tinha cara e nem língua para lhe pedir o nome de um homem e foi assim, com cada um a dever ao outro um nome guardado, que entrámos no elevador e a porta fechou-se e ficámos os dois ali no espelho a fingir que olhávamos os números a subir.

No quarto e é aqui que a verdade exige cuidado para não se tornar literatura barata, não aconteceu o que um leitor habituado a estas coisas estará à espera que aconteça e não aconteceu porque ela não quis e porque eu, pela primeira vez em muito tempo, não soube querer com a confiança de costume. Houve desejo, isso houve, estive no quarto connosco a noite toda como um terceiro hóspede, estive quando ela tirou o casaco e o pousou na cadeira sem o dobrar, estive quando se descalçou e ficou mais baixa e mais humana, estive quando se sentou na beira da cama a tirar os brincos com aquele gesto que as mulheres têm e que é dos mais íntimos que

existem, mais íntimo do que muita coisa que se faz depois, esteve quando me olhou e eu lhe olhei e ambos soubemos que bastava um de nós atravessar o quarto. Mas nenhum de nós o atravessou de imediato e ficámos a falar, deitados em cima da colcha sem nos despirmos, ela com o telemóvel ainda perto da mão, sempre perto da mão, mesmo ali e eu a pensar que aquela mão perto do telemóvel era a coisa mais sincera dela e que talvez nunca houvesse outra.

Beijámo-nos, isso sim e foi um beijo longo e sem pressa de quem não vai dormir junto mas também não vai a lado nenhum e a mão dela, a que estava perto do telemóvel, subiu-me ao peito e ficou ali pousada por cima do coração e não sei se foi ternura se foi o velho hábito de sentir a pulsação de um homem para saber o que ele esconde e a horrível verdade é que a dúvida não me arrefeceu, aqueceu-me, porque há um certo tipo de homem e eu sou desse tipo, infelizmente, que se deixa prender mais por uma mulher que talvez o esteja a medir do que por uma mulher que se entrega e talvez seja por esta avaria antiga de fábrica que escrevo este livro em vez de viver descansado como vivem os homens que sabem amar coisas simples.

Adormecemos assim, meio vestidos, com a luz da casa de banho acesa porque ela não a apagou e eu não me levantei para a apagar e a meio da noite, ou já de madrugada, o meu telemóvel acendeu-se na mesa de cabeceira e tocou, uma chamada, vibração e luz a encher o quarto e eu, ainda a meio do sono, estiquei a mão antes de pensar e foi tarde, foi sempre tarde com ela, porque já estava acordada, ou nunca tinha dormido e os olhos claros estavam abertos no escuro a olhar o ecrã que se acendera virado para cima e leu o nome, o nome de Bruxelas, o nome completo, desta vez, a mulher que tinha querido jantar comigo na sexta porque na quinta já não aguentava ver mais ninguém daquele edifício.

Não atendi. Recusei a chamada com o polegar e o quarto voltou ao escuro e ficámos os dois calados e o silêncio dela já não era o silêncio educado do átrio, era um silêncio com peso e eu esperei que perguntasse, quase quis que perguntasse, porque uma pergunta eu desmontava, uma pergunta dava-me trabalho mas dava-me terreno e ela não perguntou. Ficou um bocado quieta, a respirar devagar e, depois, na voz baixa de quem não está zangado, que é sempre pior do que a de quem está, disse:

— “Ela sabe que estás aqui?”

Não respondi. Não havia resposta que não me condenasse de um lado ou do outro e ela sabia-o, e era por isso que tinha feito a pergunta daquela maneira, deixando-me escolher entre lixar-me por completo ou ficar completamente lixado, entre a mulher cujo nome eu escondera e o homem cujo

nome ela escondera e ficámos os dois no escuro com a luz da casa de banho a entrar por uma frincha, dois profissionais do segredo a fingir que dormiam, cada um a guardar o nome do outro dobrado ao meio no bolso de dentro e eu pensei, mesmo antes de o sono voltar, que tinha vindo a Varsóvia para saber de uma fraqueza de um juiz e que a única fraqueza que ali ficara provada, com testemunha e tudo, era a minha.



# 3

## *A Janela de Izar*

Bruxelas, Ixelles, à volta do Châtelain

A Izar chegou doze minutos atrasada e o empregado, que durante esses doze minutos me tratara com a indiferença educada que os restaurantes reservam a um homem sozinho com uma garrafa de água sem gás, levantou-se de onde estava como se o tivessem chamado por um sino que só ele ouvia, atravessou a sala e afastou-lhe a cadeira sem que ela pedisse e foi nesse movimento de um empregado a quem ninguém dera ordem nenhuma que eu percebi outra vez, porque é coisa que se percebe sempre outra vez e nunca de uma vez por todas, que a Izar mudava a temperatura de uma sala apenas por entrar nela e que essa mudança não dependia de ela querer ou não querer, acontecia-lhe sem permissão e sem culpa e que se havia injustiça nisto e havia, a injustiça não era dela.

Eu tinha chegado a Bruxelas nessa tarde com o cansaço de Varsóvia ainda no corpo, aquele cansaço que não é dos músculos mas das versões, de ter sido durante quase dois dias um homem com outro nome num hotel da Aleje Jerozolimskie e sentara-me àquela mesa, num restaurante pequeno a dois passos do Châtelain que ela escolhera porque ficava perto de casa e porque, disse-me depois, era dos poucos sítios da cidade onde ninguém do edifício jantava, porque jantar perto de casa, em Bruxelas, é uma maneira de dizer que não se vive ali só para trabalhar, é uma resistência pequena e quase patética que as pessoas inteligentes daquela cidade fazem para não acreditarem que são apenas a função que exercem.

— “Desculpa”, disse ela ao sentar-se e não estava nada desculpada e gostei disso. “Uma reunião que não acabava. Sabes como é.”

— “Sei.”

— “Não sabes nada. Tu vens, dizes a tua frase bonita, toda a gente bate palmas e vais-te embora. Eu fico lá dentro.”

Era um ataque, mas era um ataque com afecto e respondi-lhe da maneira que se responde a uma mulher que nos ataca com afecto, isto é, não me defendi.

— “Então conta-me o que ficou lá dentro.”

Ela não contou logo. Pegou na carta, leu-a com a rapidez de quem já sabia o que ia comer, fez sinal ao empregado que já vinha de novo a meio

caminho da mesa, pediu por nós os dois sem me perguntar e sem que aquilo fosse arrogância, foi antes uma economia de cansaço, uma maneira de poupar à noite uma decisão a mais e só depois, com o copo de vinho à frente e os cotovelos na mesa, é que me falou da reunião, dos fundos europeus, de uma directiva, de um homem que durante hora e meia explicara a três mulheres aquilo que as três mulheres tinham escrito e contou tudo isto sem indignação de panfleto, com uma ironia seca, de quem já fez tantas vezes a tradução do mundo que perdeu a vontade de a fazer em voz alta e enquanto falava eu fazia o esforço e era esforço, de não a olhar demasiado tempo, porque há uma indecência em olhar de mais para uma mulher que se está a queixar do trabalho, como se eu estivesse a transformar a queixa dela em espectáculo e eu não queria, ou queria e não queria, que é a verdade, verdadinha, dos homens da minha espécie.

Tinha o cabelo escuro apanhado de uma maneira espanhola, que não sei bem descrever nem explicar por que razão me parecia assim, mas que pressinto ser à espanhola e, ao falar, soltava-o e voltava a apanhá-lo num gesto que não era requebro nenhum, era pura impaciência. A sala, que era pequena, parecia ter ficado mais pública desde que ela se sentara, como se as outras mesas tivessem baixado meio tom, não para a ouvirem, que ninguém a ouvia, mas para não perderem a hipótese de a ouvir. Eu conhecia a Izar havia anos, de longe, de amigos comuns, de uma Madrid e de um Porto que já não existiam, embora ela corrigisse sempre Madrid com uma impaciência pequena, Ceuta, dizia, eu nasci em Ceuta, Madrid veio depois, como se nascer numa cidade encostada a África e viver depois em Madrid fossem coisas que um homem pudesse trocar sem que a troca denunciasse logo a sua ignorância e eu sorria, claro, os homens sorriem muito quando são corrigidos por uma mulher que desejam, mas só mais tarde percebi que aquela correcção não era geográfica, era íntima, era ela a dizer-me que vinha de uma fronteira antes de vir de uma capital e que talvez por isso soubesse melhor do que eu que quase todas as pessoas têm mais do que uma entrada. Conhecia-a de a saber casada e feliz e fotografada e portanto não devia estar a descobri-la àquela mesa e estava e isso era o problema, descobrimos sempre tarde de mais as pessoas que julgávamos conhecer cedo de mais.

— “E tu?”, perguntou ela, mudando de assunto com a brusquidão de quem não quer ser objecto da conversa nem por mais um minuto. “Varsóvia.”

— “Varsóvia.”

— “Que andas a fazer em Varsóvia?”

— “Investidores. Uns contratos que correram mal a muita gente. Famílias que ficaram a dever mais do que as casas valem.”

Disse-lhe a verdade, que é sempre a melhor cobertura, porque a verdade dita sem complicar é exactamente aquilo que ninguém acredita ser simples e ela ouviu e a meio do que eu dizia o telemóvel acendeu-se na mesa, virado para cima, descuidado e no ecrã subiu uma notificação com um princípio de palavra polaca e um número e eu, sem pensar, com o reflexo que já me apanhara em Varsóvia e que portanto já não tinha desculpa nenhuma porque eu sabia que tinha o reflexo, estiquei a mão e virei o telemóvel para baixo na toalha.

A Izar olhou para a minha mão a virar o telemóvel. Não olhou para o telemóvel, que era o que eu temia, olhou para a mão, para o gesto e o gesto, percebi-o nesse preciso instante em que o fazia, era pior do que a notificação, porque a notificação podia ser um banco ou um voo ou uma colega e o gesto não, o gesto era uma confissão de que havia ali alguma merda que merecia ser escondida e ela, que vivera anos ao lado de um homem que lhe escondia coisas, lia aquele gesto melhor do que qualquer perita, sabia-o de cor, tinha-o no corpo e não disse nada e o silêncio dela era de outra espécie diferente do da Boguslawa, era um silêncio mais farto, de cansado, mais de longe, de outra parte da vida, que já tinha dito tudo a outro homem e que não tencionava gastar-se a repetir.

— “Podes atender”, disse e havia uma generosidade quase cruel na frase.

— “Não é nada.”

— “Eu não perguntei se era alguma coisa.”

Bebeu. Mudou de assunto outra vez, ou fingiu mudar, falou-me de um amigo comum que tinha engordado e arranjado uma terceira mulher, mais nova do que a segunda e ria-se a contar e era um riso bom, de garganta, sem maquilhagem e enquanto se ria o telemóvel dela, esse, vibrou em cima da mesa e ela leu sem o esconder e eu vi, porque ela não o tapou e porque eu também não sou de pedra, vi o princípio de um nome de uma mulher e a palavra Madrid por baixo e vi a mensagem, ou parte dela, três palavras que ficaram no ecrã o tempo suficiente para me ficarem a mim, *no te enamores*, ou coisa parecida, não te apaixonas, em castelhano, com a familiaridade de quem dá um conselho que já deu muitas vezes e a Izar leu aquilo e a boca dela mexeu-se um milímetro, não chegou a sorriso e pousou o telemóvel virado para baixo, ela, com calma, sem o gesto culpado que eu tinha feito, com a naturalidade de quem não deve nada a ninguém e eu senti então e tenho de o escrever porque é a única forma de não aldrabar o leitor, uma picada de ciúme tão absurda, tão sem direito, tão prematura,

que me deu vontade de rir de mim mesmo, porque eu não sabia quem era a mulher de Madrid, não sabia se era irmã, amiga, colega, advogada, prima e já a tinha por minha rival, já lhe tinha posto rosto e intenção e a verdade é que o ciúme não pede licença à informação, chega antes dela, é a única coisa em mim que nunca espera pelos dados.

— “Quem é?”, perguntei e foi indigno e soube-o ao perguntar.

— “Uma amiga de Madrid”, disse ela e olhou-me bem nos olhos, sem desafio, sem esconder, com uma transparência que era mais inquietante do que qualquer mentira. “Que me diz para eu não fazer disparates.”

— “E vais fazer?”

— “Não sei. Isso depende um bocado de ti, não depende?”

Ficou ali, aquela frase, em cima da toalha, ao lado dos dois telemóveis virados para baixo e era a frase mais directa que ela me dissera a noite toda e eu, que sabia conduzir conversas, que vivia de conduzir conversas, não soube conduzir aquela, fiquei calado tempo de mais e o calado tornou-se resposta e ela percebeu a resposta antes de eu a saber dar e suavizou, porque era essa a generosidade dela, ferida mas generosa e disse, já noutro tom:

— “Pagas tu o jantar, que ganhas mais do que eu.”

— “Como sabes que ganho mais do que tu?”

— “Porque tens dois telemóveis e eu tenho um.”

Riu-se e eu ri-me e por uns minutos fomos só duas pessoas a jantar, mas a frase ficou, porque as frases verdadeiras ficam e o que ela acabara de dizer, sem peso, a rir, é que conhecia a aritmética da minha vida pelo número dos meus aparelhos e tinha razão, eu tinha de facto dois telemóveis nessa altura, um do presidente da associação e que era também o meu número pessoal e outro do outro homem, do que é difícil ver e contactar, e ela vira-os a ambos sem comentar e não há na vida de um homem maior denúncia da sua duplicidade do que uma mulher que repara, à mesa, no número dos seus telemóveis e decide, por ora, achar piada.

Sáímos a pé. A casa dela ficava a três ou quatro ruas, num daqueles prédios de Ixelles de tijolo escuro com portas altas e degraus de pedra gastos no meio por cem anos de gente e fazia o frio húmido de Bruxelas, que não é frio que mate mas frio que entra e ela ia com as mãos nos bolsos do casaco e eu ia ao lado sem saber se devia oferecer o braço e não ofereci, porque oferecer o braço a uma mulher que acabou de sair de um casamento é das coisas mais presunçosas que um homem pode fazer, é querer ocupar um lugar que ainda está quente e ela percebeu que eu não oferecia e percebeu porque não oferecia e isso, mais do que qualquer braço, aproximou-nos.

A casa era de quem tinha mudado há pouco e não tinha tido tempo nem talvez vontade de acabar a mudança. Havia caixas de cartão encostadas a uma parede, ainda fechadas, com palavras a marcador, livros, cozinha, isto não sei e essa última, a do isto não sei, ficou-me na cabeça, porque é a caixa mais sincera que alguém pode ter em casa, a caixa das coisas que não se sabe onde pôr e nem se quer deitar fora. Havia livros em três línguas no chão em pilhas porque a estante ainda não chegara, havia copos por lavar mas poucos, de uma pessoa só e havia, em cima de um móvel baixo, uma moldura virada para baixo, deitada de bruços sobre a madeira e eu não perguntei, mas a moldura virada para baixo é uma das coisas que mais fala numa casa, porque uma fotografia que se quer esquecer guarda-se numa gaveta e uma fotografia que ainda não se conseguiu guardar fica assim, deitada, à vista e escondida ao mesmo tempo e diz que a pessoa ainda não decidiu.

— “Queres beber alguma coisa?”, perguntou ela, já a tirar o casaco e a procurar onde o pousar e acabou por o pousar nas costas de uma cadeira, sem o pendurar, como a Boguslawa pousara o dela na cadeira do quarto de Varsóvia e por um segundo as duas mulheres tocaram-se na minha cabeça nesse gesto idêntico de mulheres que não penduram os casacos e tive de afastar a Boguslawa dali à força, com vergonha, porque trazer uma mulher para dentro da casa de outra, ainda que só no pensamento, é uma sujidade que não deixa rasto mas suja.

— “O que tiveres.”

— “Tenho vinho aberto de ontem e água.”

— “Vinho de ontem.”

Bebemos vinho de ontem em copos diferentes um do outro, porque ela só tinha copos a condizer para água e nenhum para vinho e sentámo-nos no sofá com as costas contra os braços, virados um para o outro, os pés quase a tocar-se no meio e falámos e foi nessa conversa, baixa, sem pressa, com a cidade fechada lá fora, que ela me deixou ver, não a ferida toda, que a ferida toda ela não a mostrou nem nessa noite nem em muitas que se seguiram, mas a borda da ferida, o sítio onde a pele ainda estava sensível.

— “As pessoas tratam-me como viúva”, disse, a olhar para o copo. “É essa a parte que ninguém avisa. Quando te divorcias, tratam-te como se ele tivesse morrido. Falam baixo. Têm cuidado. Olham para mim a ver se me parto.”

— “E partes-te?”

— “Ele não morreu. Está vivo, está bem, está óptimo, se calhar nunca estive tão bem. Não sou viúva de ninguém. Detesto que me tratem assim.”

— “Eu não te estou a tratar assim.”

— “Estás um bocadinho”, disse e sorriu para tirar o ferrão, mas o ferrão ficou. “Tens essa cara de quem está pronto a apanhar-me se eu cair. Não caias na tentação. Não vou cair.”

Calei-me, porque ela tinha razão, eu tinha de facto a cara, eu tinha-a posto sem dar conta, a cara compungida e disponível do homem que se oferece para amparar e essa cara, percebi, era uma forma de poder disfarçado de bondade, porque amparar é também segurar e ela, que tinha sido segurada de mais por um homem que ao mesmo tempo a deixava cair, conhecia aquela cara e desconfiava dela com razão, muita razão.

— “Houve noites”, disse ela depois, sem que eu perguntasse, a olhar agora para um ponto qualquer da parede onde não havia nada, “em que ele não voltava. E eu ficava acordada não a pensar onde estava, porque isso eu já sabia, ficava acordada a pensar o que é que ia fazer com a cara, no dia seguinte, à frente das pessoas. A treinar a cara. Passei anos a treinar a cara.”

— “E ainda pensas nele?”

Ela demorou. Foi a única pergunta da noite a que demorou a responder e a demora foi a resposta, como tantas demoras, mas depois disse uma coisa que eu não esperava, disse-a a olhar para mim e foi a primeira vez nessa noite que sustentou o olhar tempo suficiente para eu ver que tinha os olhos escuros e que não havia neles autocomiseração nenhuma, havia uma dureza adulta, lúcida e quase seca.

— “Penso menos do que devia e mais do que quero. Está bem assim para ti? É essa a resposta certa?”

— “Não há resposta certa.”

— “Há sempre. Os homens andam sempre à procura da resposta certa. O meu marido também andava. Quando lhe perguntavam alguma coisa, ele não respondia, calculava.”

Não sei se foi essa frase, a do calcular, atirada por ela contra um homem que já não estava ali mas que continuava a morar nas frases dela como um inquilino que partira sem entregar a chave, não sei se foi essa frase a atirar-me contra ela ou se foi ela que atravessou o pequeno espaço entre os nossos pés, mas a verdade é que nos beijámos e o beijo não foi suave, não foi o beijo de duas pessoas a começar, foi o beijo de duas pessoas a confirmar uma coisa que já sabiam, com aquela urgência meio zangada de quem se reconhece e os copos ficaram e o vinho de ontem ficou e fomos para o quarto sem cuidado nenhum, a tropeçar numa das pilhas de livros que se desfez no chão com um barulho de coisa que cai e que ninguém vai apanhar tão cedo.

Não vou mentir e dizer que foi perfeito, porque não foi e porque o que foi vale mais do que o que teria sido se fosse perfeito. Houve roupa tirada de qualquer maneira, houve um fecho que prendeu e que ela resolveu com uma impaciência que me fez rir e perguntou de que é que eu me ria e eu disse que não me ria de nada e ela disse não mintas e tinha razão e ríamos os dois, no escuro, dois adultos com corpos que já não eram novos e que carregavam outras mãos, outras memórias, outras humilhações e havia nisso uma virtude que a juventude não tem, a juventude faz amor a fingir que é a primeira vez do mundo e nós fazíamos-lo sabendo que não era, sabendo que cada um chegava ali depois de uma ruína e foi precisamente esse saber que tornou tudo mais nu do que a nudez.

A certa altura ela parou. Ficou por cima de mim, quieta, com o cabelo escuro a cair-lhe para a frente da cara e ficou a olhar-me no escuro como quem verifica uma coisa e eu pensei que ia dizer alguma coisa grave e não disse, voltou a mover-se, mas eu percebi e percebê-lo arrefeceu-me e aqueceu-me ao mesmo tempo, que aquele parar fora ela a perguntar a si própria e não a mim, se ainda lhe pertencia aquele corpo, se aquilo que estava a fazer era desejo dela ou apenas resposta ao desejo de outro e que a resposta a satisfizera o suficiente para continuar, mas não tanto que a deixasse esquecer a pergunta e há mulheres, percebi-o nessa noite, que fazem amor com uma parte de si a tomar notas e não por frieza, ao contrário, por terem sido obrigadas a aprender que entregar-se sem tomar notas tinha sido, da última vez, o princípio do desastre.

Depois ficámos calados, que é a parte que mais me interessa nestas coisas e a que os livros menos contam, o silêncio de depois, ela de costas para mim com a minha mão pousada na anca dela, sem peso, só pousada e a respiração a abrandar e eu acordado a olhar o tecto de uma casa que não era minha, numa cidade que não era de nenhum dos dois, ao lado de uma mulher que eu desejava e de quem já tinha ciúmes de uma amiga de Madrid sem saber sequer quem era e a pensar, com aquela lucidez inútil que me chega sempre nos piores momentos, que dois dias antes estivera deitado em cima de uma cama em Varsóvia ao lado de outra mulher com quem não tinha feito amor e que era o homem mais ocupado do mundo a gerir corações alheios e o mais incompetente do mundo a gerir o meu, se é que ainda tinha um e não apenas uma agenda onde o coração outrora estivera.

De manhã ela já estava de pé quando eu acordei, à janela e foi essa a imagem que eu trouxe de Bruxelas e que não consegui largar mais, a Izar de costas, com uma camisola minha por cima da pele, descalça no soalho frio, parada à frente do vidro a olhar para fora e quando me aproximei vi

o que ela olhava e o que ela olhava era um terraço por acabar, com sacos de cimento ainda fechados a um canto, umas tábuas encostadas à parede, três vasos de barro vazios alinhados sem nada plantado dentro e uma cadeira de ferro com uma perna torta, daquelas que ficam a coxear sobre o chão e que ninguém endireita porque endireitar dá trabalho e porque, no fundo, a coxear ainda serve. Por cima das paredes via-se, entre os telhados, um plátano improvável que tinha crescido não se sabe de onde, no quintal de um prédio qualquer, uma árvore que ninguém plantara e que estava ali a fazer companhia a quem não a pedira.

— “Comprei a casa por causa do terraço”, disse ela, sem se virar, tocando no vidro com a ponta dos dedos, deixando lá quatro marcas que o frio do vidro logo embaciou à volta. “Ia plantar coisas. Ia pôr uma mesa. Ia jantar ali no Verão.”

— “Ainda vais a tempo. É só uma Primavera.”

— “Se calhar nunca acabo aquilo”, disse e disse-o sem tristeza, com uma espécie de paz podre e ficou a olhar o terraço e eu fiquei a olhar para ela a olhar o terraço e percebi, sem que ela explicasse e sem que eu tivesse a estupidez de explicar, que ela não estava a falar do terraço, ou não estava só a falar do terraço, estava a falar de uma vida que tinha comprado para acabar de uma maneira e que ainda não decidira se ia acabar ou se ia deixar assim, com os sacos de cimento fechados e a cadeira torta a aguentar-se na perna boa e que talvez deixar assim fosse, para certas pessoas em certas alturas, a única decisão capaz que se consegue tomar, a decisão de não decidir, de deixar o terraço inacabado a apanhar chuva até que um dia, ou não.

Fiz café na máquina dela, que era pequena e fazia um café fraco e bebemo-lo de pé na cozinha e ela perguntou-me quando é que eu ia embora de Bruxelas e eu disse que talvez nessa tarde, talvez no dia seguinte e ela aceitou o talvez sem o picar, que era uma maneira de me dizer que não me pedia precisão nenhuma, que precisão era coisa que já não pedia a homem nenhum e foi nesse momento exacto, com a chávena ainda quente na mão, que o telemóvel, o outro, o do outro homem, vibrou em cima da bancada e eu olhei, porque já não tinha sentido nenhum não olhar e era uma mensagem de Londres, de um contacto sem nome, só um número guardado com uma letra e dizia, com a economia das pessoas que não gastam palavras porque cada palavra é uma porta deixada aberta, Mayfair, quinta e por baixo, na mesma mensagem, uma instrução que me fez pousar a chávena, não tragas ninguém da associação.

A Izar viu-me pousar a chávena. Não viu a mensagem, mas viu a chávena a ser pousada e viu-me a cara, que devia ter mudado, porque a cara

muda sempre quando Londres chama e perguntou, sem dramatismo, com a simplicidade de quem já fez aquela pergunta noutra vida e aprendeu o que vale a resposta:

— “É importante?”

— “É.”

— “Trabalho?”

— “Trabalho.”

Ela ficou a olhar para mim mais um segundo, só um, o segundo exacto que lhe bastava e depois desviou os olhos para a janela, para o terraço inacabado, para a cadeira de ferro com a perna torta que continuava a aguentar-se na perna boa apesar de tudo e não disse que não acreditava, porque dizer que não acreditava seria fazer uma cena e ela não fazia cenas, tinha-as feito todas noutro casamento e gastara o crédito de uma vida inteira de cenas com um homem que já não estava ali e em vez da cena bebeu o resto do café fraco, pousou a chávena ao lado da minha, encostou os dois objectos um ao outro de uma maneira que pareceu acidental e que eu, deformado por aquilo a que chamo profissão, não consegui ler como acidental e disse apenas, virada outra vez para o vidro, com a voz de quem já decidiu deixar o terraço por acabar mais uma estação:

— “Pois. Trabalho.”